

O diálogo de ficção entre personagens nos contos de Luiz Vilela: uma análise da oralidade no texto escrito

(The fictional dialogue between characters in Luiz Vilela's short story: an orality analysis in the written text)

Gil Negreiros

Curso de Letras – Centro Universitário de Itajubá (UNIVERSITAS)

gilrobertonegreiros@yahoo.com.br

Abstract: This work aims at examining the orality use in the dialogue development between literary characters. More precisely, we seek to define from the theoretical Conversation Analysis principles the discursive and interactive resources used by the writer in the literary dialogue setting. We adopt Luiz Vilela's short story for the *corpus*, in which there are some dialogue marks produced with "oral illusion". We follow, in the analysis conducted here, the methodological approach set by Preti, who establishes steps for a scientific analysis on the orality phenomenon in the written literature. We investigate linguistic and interactive aspects of the dialogue between characters, evaluating the influence degree of the oral language.

Keywords: oral; literary dialogue; Luiz Vilela.

Resumo: Objetiva-se, neste trabalho, examinar o uso da oralidade na elaboração dos diálogos entre personagens literários. De forma mais precisa, busca-se definir, a partir de pressupostos teóricos da Análise da Conversação, os recursos discursivos e interativos usados pelo escritor na montagem do diálogo literário. Como *corpus*, adota-se um conto de Luiz Vilela, em que há marcas, nos diálogos produzidos, de certa "ilusão do oral". Segue-se, na análise aqui realizada, a perspectiva metodológica definida por Preti, que estabelece passos para uma análise científica do fenômeno da oralidade no texto escrito literário. Investiga-se os aspectos linguísticos e interacionais dos diálogos entre personagens, avaliando o grau de influência da língua oral.

Palavras-chave: oralidade; diálogo literário; Luiz Vilela.

Considerações iniciais

Este trabalho pertence a pesquisas mais amplas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa "A oralidade na ficção literária brasileira", liderado por Preti e formado por pesquisadores ligados à Universidade de São Paulo (USP) e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Especificamente, objetivamos neste trabalho analisar as marcas orais usadas na construção de diálogo literário, no conto "Dez anos", de Luiz Vilela.

Os diálogos de ficção, aqui chamados de diálogos construídos, não são, obviamente, reais. Contudo, a partir dos *esquemas de conhecimento* orais do autor e leitor (cf. TANNEN; WALLAT, 1998), é possível que o texto seja elaborado a partir de certas estratégias conversacionais, comuns na conversação face a face. Nesses casos, a construção dos sentidos do texto literário é auxiliada por *efeitos conversacionais*, por meio do uso de estratégias discursivas empregadas no diálogo a dois.

Dividimos nosso artigo em três partes. Na primeira, abordaremos a concepção de oralidade e escrita que sustenta nossa análise. Apresentaremos, na segunda parte, a metodologia de análise, denominada por Preti (2004) de macro e microanálise do diálogo literário para, em seguida, investigarmos as marcas orais presentes no diálogo construído do conto selecionado como *corpus*.

Língua oral e língua escrita

Língua falada e língua escrita, neste trabalho, não são consideradas como variantes separadas, mas como modalidades que podem se aproximar dialogicamente. Isso significa que ambas podem apresentar funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade.

Marcuschi, ao tratar do tema, afirma que essa tendência de considerar língua falada e língua escrita tem a vantagem de perceber

com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real. (2001, p. 33)

O autor afirma ainda que as relações entre fala e escrita, nos moldes da tendência, não são óbvias nem lineares, mas são dinâmicas, consideradas dentro de um *continuum* tipológico de usos e funções. Todas as diferenças entre essas duas modalidades se dão dentro desse *continuum*, o que certamente acarreta em variações não-lineares, uma vez que são baseadas nas práticas sociais de produção textual. Fala e escrita, assim, fazem parte de um mesmo sistema de língua, realizações de uma única gramática.

Desse modo, por um lado, o preconceito, existente em outras perspectivas que tratam fala e escrita em posições dicotômicas, é eliminado, o que pode ser considerado, do ponto de vista científico, mais plausível.

Por outro, mesmo livre do problema do preconceito, essa perspectiva traz em seu bojo baixo potencial explicativo e descritivo referente às questões sintático-fonológicas. Daí a necessidade de uma combinação com outras teorias, como a Linguística Textual, a Análise da Conversação, a Sociolinguística Interacional, além de uma possível fusão com alguns pressupostos da perspectiva variacionista, a qual está intimamente ligada à Sociolinguística. Marcuschi, sobre isso, postula que tal combinação é fundamental quando se busca investigar as correlações entre forma, contexto, interação e cognição linguísticos:

Por isso, a proposta geral, se concebida na fusão com a visão variacionista e com os postulados da Análise da Conversação etnográfica aliados à Linguística de Texto, poderia dar resultados mais seguros e com maior adequação empírica e teórica. Talvez seja esse o caminho mais sensato no tratamento das correlações entre formas linguísticas (dimensão linguística), contextualidade (dimensão funcional), interação (dimensão interpessoal) e cognição no tratamento das semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas atividades de formulação textual-discursiva. (2001, p. 33).

A análise que pretendemos realizar está em consonância com a posição de Marcuschi, já que, teoricamente, trabalhamos com os pressupostos da Análise da Conversação, da Sociolinguística Interacional e da Sociolinguística.² Aqui, o binômio fala/escrita é tratado “enquanto relação entre fatos linguísticos (relação fala/escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade *versus* letramento)” (2001, p. 33).

Posição semelhante à de Marcuschi (2001) adota Koch (2006). A pesquisadora, em trabalho que define as especificidades do texto falado, postula que fala e escrita pertencem ao mesmo sistema linguístico, constituindo duas modalidades de uso da

² O mesmo trabalho de relação entre as teorias foi realizada em Negreiros (2009), com adaptações.

língua. Assim, cada uma delas teria características próprias, não constituindo a escrita uma mera transcrição da fala.

Porém, isso não demonstra que fala e escrita possam ser consideradas em posições dicotômicas. Segundo Koch, é válida a noção da existência do *continuum*, em que se situam os diversos tipos de práticas sociais de produção textual, “em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial” (2006, p. 43).

Assim, certos textos escritos poderiam estar embasados na perspectiva da fala e vice-versa:

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (KOCH, 2006, p. 44)

A macroanálise e a microanálise da conversação literária: uma metodologia possível

Quando pretendemos analisar diálogos construídos, devemos ter sempre em mente que não se trata de diálogos naturais, mas sim de textos que, criados no campo da ficção, têm objetivos estéticos e buscam recriar a realidade oral.

Uma obra de ficção é uma transposição da realidade, pois pode recriar no texto literário qualquer espécie ou modalidade linguística, porém sob o aspecto abrangente da intenção artística e estética. É isso que nos afirma Urbano (cf. 2000, p. 129).

Sobre o caráter estético presente no texto literário, Preti (2004), ao lembrar que se trata de uma manifestação escrita, salienta que há um processo de planejamento que poderia fazer com que o texto se tornasse distante das características de um texto oral. Contudo, o autor afirma que os objetivos do escritor são estéticos e isso faz com que não haja limites na elaboração textual.

Para nós, também, há, na língua literária, um caráter estético. Todavia, essa artificialidade estética da língua literária não impede que, em algumas situações, o autor empregue, na elaboração artística, a naturalidade da língua comum, do cotidiano:

Em suma, [...], adotamos a posição segundo a qual a língua literária possui, antes de tudo, um caráter estético. Isso não impede, contudo, que se considere que a língua literária – ou, nas palavras de Granger, o uso literário – seja composta por “outras línguas”. É possível afirmar, assim, que a artificialidade estética da língua literária pode ser composta pela naturalidade da língua comum. (NEGREIROS, 2009, p. 68)

Mesmo sendo de concepções diferentes, podemos falar, assim, de certa aproximação entre diálogo literário, que se encontra no campo da estética, e de diálogo oral, que se encontra no campo da língua em uso.

São muitas as marcas do diálogo oral que podem ocorrer nos diálogos construídos. A título de exemplificação, podemos citar, no nível do léxico, o uso de vocabulário popular ou gírio, muito comum na oralidade; no nível da sintaxe, os diálogos podem ser marcados por repetições, paráfrases, cortes, anacolutos e correções; no nível textual, há a construção de diálogos que refletem, até certo ponto, a dinâmica e

a organização dos turnos; no campo discursivo-interativo, é possível encontrar marcas de negociação entre os falantes, construção de focos comuns, marcas de atenção e de demonstração de interesse dos parceiros, expectativas, conhecimentos partilhados, estratégias conversacionais que podem denunciar, por exemplo, poder, agressão, humor, carinho, ironia, malícia.

Essas marcas garantem ao texto o efeito de sentido pretendido a partir de certa “ilusão do oral” e são muito comuns em textos de autores contemporâneos, como Rubem Fonseca, Luiz Fernando Veríssimo, Dalton Trevisan e Luiz Vilela.

Preti (2004), ao propor uma metodologia de análise para o diálogo construído em produções literárias, postula que uma investigação desse tipo de texto deve apresentar dois focos.

No primeiro deles, intitulado pelo autor de “macroanálise da conversação literária”, o pesquisador deverá perceber, no diálogo construído, características que possam denunciar o contexto histórico e geográfico, além de especificidades socioculturais dos falantes personagens:

Para um estudo do diálogo de ficção, [...] devemos atentar para o que chamaríamos de uma “macroanálise da conversação literária” (contexto histórico e geográfico, fatores extralinguísticos e sua possível influência sobre as personagens e narrador de primeira pessoa, tais como grau de escolaridade, posição social, faixa etária, sexo dos falantes). Essa fase do estudo compreenderia a aplicação de teorias de Sociolinguística. (PRETI, 2004, p. 121)

O segundo foco de investigação está ligado a fatores relacionados ao ato de fala em si, representado na situação específica produzida no texto literário. Aqui, por exemplo, torna-se viável o exame de marcas linguísticas produtoras de efeitos de sentido como atitudes de poder, de submissão, de afastamento ou de aproximação. Além disso, os implícitos e as reais intenções dos falantes podem ser fatores que interessam ao pesquisador.

Uma análise do diálogo construído no conto “Dez anos”

Selecionamos como *corpus* para análise neste artigo o início do conto “Dez anos”, publicado no livro *Contos Eróticos*, de autoria do escritor Luiz Vilela.

O texto, inteiramente planejado nos moldes de um diálogo, não possui interferência do narrador, o que faz com que todas as informações a respeito do contexto, das personagens e da narrativa sejam inferidas a partir dos diálogos construídos.

O corpus para análise

Dez anos

— E aí?

— Aí eu fui para o terreiro. Já contei que eu estava sozinho lá em casa, não contei?

— Contou.

— Papai e Mamãe tinham saído. Eu fui dar milho para as galinhas, depois fui lavar as mãos no tanquinho; aquele tanquinho da lavanderia, sabe qual?

— Sei.

— Lavei as mãos e fui para dentro. Fiquei lá, na sala, olhando uma revista; então lembrei que tinha esquecido de pôr água para as galinhas e voltei lá, no galinheiro. Quando passei na lavanderia, escutei o barulho do chuveiro da empregada. Aí dei uma olhada para lá, mas continuei andando, e de repente levei um susto: vi que a porta do banheiro estava aberta. Feito a

gente vê nos filmes: o sujeito vê uma coisa, parece que não viu, e de repente arregala os olhos e para, sabe como?

— Sei. E aí?

— O que você acha que eu fiz?

— Você olhou.

— É. Eu parei e dei uma olhada: a porta estava aberta mesmo, não era imaginação.

— Que tanto mais ou menos?

— Assim...

— Então dava para ver muita coisa... e aí, conta.

— Eu cheguei mais perto, pisando na ponta dos pés, e escondi atrás do tanque; do tancão, não é do tanquinho, não.

— Sei.

— Aí eu olhei...

— Hum...

— Menino....

— Estava dando para ver?

— Era a mesma coisa da porta estar aberta inteira...

— Puxa... E ela?

— O quê?

— Ela estava com alguma coisa?

— Alguma coisa como?

— Alguma roupa.

— Gente tomando banho de roupa?...

— Nada?

— Nada, uai.

— Nada nada?

— Nada nada.

— Então deu para ver tudo?

— Tudo.

— Mas tudo tudo ou só tudo de cima?

— Não, tudo tudo.

— Tudo de baixo também?

— Não estou dizendo que tudo?

— Puxa, heim?

— Tudo.

— Deve ser, heim?...

— Vou te contar...

— É aquela loura mesmo, né?

— É. Eu não sabia que ela era sem-vergonha. [...] (VILELA, 2008, p. 81-2)

A macroanálise da conversação literária

O conto “Dez anos” é construído sem a presença de um narrador, o que dá ao texto uma maior proximidade com uma “situação oral”. Com isso, produz-se um primeiro efeito de sentido, ligado a um *frame* de conversação espontânea.

O excerto escolhido para análise é o início do conto. Esse trecho não nos oferece informações sobre o contexto histórico ou geográfico em que se realiza o diálogo. Pelas falas, sabemos que se trata de duas personagens masculinas, que possuem praticamente a mesma idade. Sugere-se, pelo título, que sejam dois adolescentes, que se veem frente à temática da sexualidade.

Além disso, o tratamento dado aos pais de um deles é outro indicador de que não se trata de adultos. Ambos se conhecem, já que um possui informações sobre a residência do outro, local no qual o fato, relatado no ato conversacional, ocorreu:

- (01) — **Papai e Mamãe** tinham saído. Eu fui dar milho para as galinhas, Depois fui lavar as mãos no tanquinho; **aquele tanquinho da lavanderia, sabe qual?**
— **Sei.**
- (02) — Eu cheguei mais perto, pisando na ponta dos pés, e escondi atrás do tanque; **do tancão, não é do tanquinho, não.**
— **Sei.**

A microanálise da conversação literária

No início do texto, há a sugestão de que a conversa, construída a partir de um nível de linguagem informal, foi iniciada anteriormente ao discurso apresentado no conto. Tal estratégia garante à narrativa uma maior aproximação com a realidade oral, em que conhecimentos compartilhados e implícitos são comuns entre pessoas já conhecidas:

- (03) — **E aí?**
— Ai eu fui para o terreiro. Já contei que eu estava sozinho lá em casa, **não contei?**
— **Contou.**

Outro item que merece destaque nesta análise é a estruturação do diálogo construído. Nele, percebe-se a presença de pares adjacentes do tipo pergunta-resposta, fundamentais na composição organizacional na conversação (cf. SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Segundo Silva,

é muito difícil imaginar uma conversação que não comece ou termine nem contenha perguntas e respostas. Em nosso dia-a-dia, utilizamos, ainda que inconscientemente, desse recurso conversacional inúmeras vezes. É tal a importância desse par dialógico que, quando utilizado à exaustão, leva o locutor a dizer (muitas vezes, com certo tom de aborrecimento) que está sendo alvo de algum inquérito e, quando não utilizado, leva o locutor a dizer que seu interlocutor não se interessa por ele ou pelo tópico desenvolvido. (2006, p. 261)

De acordo com Marcuschi (1986, p. 34), a conversação consiste normalmente numa série de turnos alternados, que compõem seqüências em movimentos coordenados e cooperativos. No caso de nosso *corpus*, essa dinâmica é representada. Percebe-se que o autor, a partir de um hábil processo de percepção da realidade conversacional, usa os pares adjacentes *pergunta-resposta*, o que é sem dúvida uma alternativa eficaz para aproximação com a estrutura oral.

A forte interação demonstrada pelo uso, no conto, dos pares adjacentes cria vínculos de proximidade entre os personagens. O diálogo literário, assim, é construído a partir de duas vozes de “personagens interagentes”, fato que é também um índice de ilusão oral.

Com relação aos objetivos dos interlocutores, há, pelo lado de um personagem, o interesse de contar aquilo que viu. Pelo lado do outro personagem, o objetivo é saber, com o máximo de detalhes, o fato narrado. Esses dois objetivos, que não se excluem, fazem com que o diálogo tenha muitos pares adjacentes do tipo *pergunta / resposta*, com forte ideia de interação entre os falantes.

A título de exemplificação, podemos destacar, no trecho 04, essa dinâmica. Em negrito, destacamos as perguntas que compõem os turnos e que são sempre condutoras do processo de interação e de informação entre os interactantes:

- (04) — Papai e Mamãe tinham saído. Eu fui dar milho para as galinhas, depois fui lavar as mãos no tanquinho; aquele tanquinho da lavanderia, **sabe qual?**
 — Sei.
 — Lavei as mãos e fui para dentro. Fiquei lá, na sala, olhando uma revista; então lembrei que tinha esquecido de pôr água para as galinhas e voltei lá, no galinheiro. Quando passei na lavanderia, escutei o barulho do chuveiro da empregada. Aí dei uma olhada para lá, mas continuei andando, e de repente levei um susto: vi que a porta do banheiro estava aberta. Feito a gente vê nos filmes: o sujeito vê uma coisa, parece que não viu, e de repente arregala os olhos e para, **sabe como?**
 — Sei. **E aí?**
 — **O que você acha que eu fiz?**
 — Você olhou.

Em alguns momentos do ato conversacional representado, certo pudor com relação à nudez da mulher também é percebido nas falas de ambas as personagens, a partir de expressões como “tudo tudo”, “de baixo também” e “deve ser, hem”, que sugerem conhecimentos compartilhados sobre o assunto da conversa:

- (05) — Ela estava com alguma coisa?
 — Alguma coisa como?
 — Alguma roupa.
 — Gente tomando banho de roupa?...
 — **Nada?**
 — **Nada, uai.**
 — **Nada nada?**
 — **Nada nada.**

Somado a isso, o interesse dos interlocutores e seus objetivos na interação revelam-se por um discurso disfluyente, marcado por certo constrangimento e receio em explicitar certas afirmações. O ato conversacional presente no conto é determinado, assim, por um processo especial: a aparente falta de definição de detalhes é responsável por construir, de modo eficaz, a busca por esses detalhes. É a partir do conhecimento mútuo, do partilhamento de expectativas e da negociação presente no processo interacional que os falantes constroem o foco comum do discurso:

- (06) — Puxa... E ela?
 — O quê?
 — Ela estava com alguma coisa?
 — Alguma coisa como?
 — Alguma roupa.
 — Gente tomando banho de roupa?...
 — Nada?
 — Nada, uai.
 — Nada nada?
 — Nada nada.
 — Então deu para ver tudo?
 — Tudo.
 — Mas tudo tudo ou só tudo de cima?
 — Não, tudo tudo.
 — Tudo de baixo também?
 — Não estou dizendo que tudo?
 — Puxa, heim?
 — Tudo.
 — Deve ser, hem?...

Também há que se destacar o emprego, no *corpus* em análise, dos marcadores conversacionais. Esses recursos desempenham, em uma conversação real, funções tanto

textuais quanto interacionais: “como o texto oral é planejado e verbalizado ao mesmo tempo, os interlocutores podem empregar marcadores conversacionais em qualquer ponto da interação, desempenhando funções conversacionais e sintáticas” (DIONÍSIO, 2001, p. 88).

No diálogo construído, o emprego dos marcadores conversacionais, da mesma forma, é um recurso apropriado na busca da aproximação com o oral. Esses marcadores, além de serem marcas de atenção dos falantes, demonstram que há interesses partilhados entre os dois falantes:

- (07) — **E aí?**
— Aí eu fui para o terreiro. Já contei que eu estava sozinho lá em casa, não contei?
— Contou.
[...]
— **Sei. E aí?**
[...]
— Assim...
— Então dava para ver muita coisa... e aí, conta.
[...]
— **Sei.**
— Aí eu olhei...
— **Hum...**
[...]
— Nada, uai.
— Nada nada?
— Nada nada.
— Então deu para ver tudo?
[...]
— Puxa, **heim?**
— Tudo.
— Deve ser, **heim?...**
— Vou te contar...
— É aquela loura mesmo, **né?**
— É. Eu não sabia que ela era sem-vergonha.

Considerações finais

Ao analisarmos um pequeno trecho do conto “Dez anos”, de Luiz Vilela, podemos chegar a algumas considerações a respeito da oralidade no texto literário.

O diálogo de ficção, é fato, não equivale à transcrição de uma interação verbal face a face. Há diferenças, que não precisam aqui serem apresentadas, entre uma interação oral e um diálogo construído.

No caso em xeque, revela-se o hábil grau de elaboração do texto literário em análise, que é construído a partir de características de uma conversa a dois. Na verdade, o emprego dessas marcas orais pode ser uma estratégia intencional do escritor para dar ao diálogo construído uma maior proximidade com a realidade.

Com essa dinâmica, é possível inferir que os sentidos do diálogo literário são produzidos a partir de muitas das marcas comuns em um diálogo real, ou seja, é possível afirmar que os efeitos de sentido produzidos no texto literário em análise são, muitas vezes, originários dos recursos discursivos usados na conversação diária. Daí a presença da oralidade no texto literário.

A proposta de análise aqui apresentada pode ser útil para pesquisadores e professores que busquem investigar as características textual-discursivas do diálogo oral. Essas investigações podem ser justificáveis a partir de dois pontos.

Primeiramente, são relativamente poucos, no âmbito acadêmico, os trabalhos científicos que abordam a construção discursiva dos diálogos literários.

Em segundo lugar, novas investigações científicas a respeito do tema podem ser importantes passos para a produção de novas abordagens com o texto literário nas escolas de ensino fundamental e médio, locais em que há, muitas vezes, uma busca quase que desenfreada por novos métodos e caminhos que possam nortear o trabalho com o texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 69-99.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinard; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. p. 39-46.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. 94 p.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001. 133 p.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. *Marcas de oralidade na poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Paulistana, 2009. 218 p.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 234 p.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, n. 50, 1974. p. 696-735.

SILVA, Luiz Antonio da. Perguntas e respostas: oralidade e interação. In: PRETI, Dino. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 261-295.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 120-141.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000. 228 p.

VILELA, Luiz. Dez anos. In: _____. *Contos eróticos*. Belo Horizonte: Leitura, 2008. p. 81-84.